

Mais qualificadas mas longe dos lugares de topo

DB-Pedro Ramos



Projeto SUPERA foi apresentado na reitoria da UC

●●● Na União Europeia, nos setores do ensino e da investigação, há mais mulheres do que homens a obter diplomas (59 %), mas a presença feminina diminui medida que vão progredindo na carreira: 43 % dos titulares de um doutoramento são mulheres e apenas 15 % são catedráticas.

Para Rosa Monteiro, secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade, esta é “uma discrepância absurda”, que se reflete não só na progressão da carreira, mas também na autoria de artigos científicos, no registo de patentes e até nas citações – isto para falar apenas na área da ciência.

No ano passado, a Unesco divulgava outro dado curioso: desde que Marie Curie venceu o prémio Nobel – em 1903 – apenas 17 pessoas do sexo feminino ganharam o prémio nas áreas da Física, Química e Medicina. Enquanto isso, 572 homens foram premiados.

“Importa contrariar esta

tendência que impede as mulheres de chegarem a cargos de topo. Importa garantir o equilíbrio na divisão do trabalho doméstico e criar as condições para que a conciliação seja uma escolha genuína”, defendeu Rosa Monteiro.

Apresentação do projeto SUPERA

A secretária de Estado intervém ontem na sessão de apresentação do projeto SUPERA (Supporting the Promotion of Equality in Research and Academia), que pretende atenuar as desigualdades entre homens e mulheres na Universidade de Coimbra (UC) e garantir uma inclusão das questões de género nos cursos da instituição.

O projeto foi apresentado na reitoria da UC e pretende implementar medidas que atenuem as desigualdades de género em quatro universidades de Espanha, Itália, Hungria e Portugal, numa iniciativa coordenada pela Universidade Complutense de Madrid.

Segundo a coordenadora do projeto em Portugal, a investigadora do Centro de Estudos Sociais (CES) Mónica Lopes, ainda se registam várias assimetrias na Universidade de Coimbra, sendo que um diagnóstico com dados de 2015 aponta para uma sub-representação das mulheres no topo da carreira e nos órgãos de governação, bem como a concentração das académicas em áreas “tradicionalmente femininas, como Psicologia, Ciência da Educação, Ciências Sociais, Artes e Humanidades”, enquanto os homens assumem uma maior representação na Faculdade de Ciências e Tecnologia e na de Desporto.

O projeto, que arrançou em junho e que dura quatro anos, pretende implementar planos para a igualdade de género nas quatro instituições académicas envolvidas, a partir de “metodologias participativas e colaborativas”, disse à agência Lusa a investigadora.

| Patrícia Cruz Almeida